

Núm. 62

Tomo 6.º

nós

CASTELLAS



BOLETÍN MENSUAL
da
CULTURA GALEGA

Direitor Literario
Vicente Risco

Direitor Artístico
Alfonso R. Castelao

Administrador
ANXEL CASAL

DIRECCIÓN E REDACCIÓN:

Sto. Domingo, 47—OURENSE

ADEMINISTRACIÓN:

Real, 36 1.ª—A CRUÑA

ABONAMENTO

Doce números, na Península 8'00 pesetas.
Fora da Península 8'00 .
Número solto 0'70 .

NOTA

Este boletín non publicará máis orixinais qu'os que foran directamente solicitados pol-a Dirección. Tampouco se fai solidario das ideas n-eles emitidos, a non ser dos que por non iren rubrados, enténdense que son da Redacción.

Os pagos son adiantados e os gastos de xiro de conta dos suscritores

SUMARIO

Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal, por R. DE SERPA PINTO.
A Eirexa pre-románica de Francélós, por XOSÉ FILGUEIRA VALVERDE.
Por terras orientais III, por AVELINO GÓMEZ LEDO.
Os homes, os feitos, as verbas, POL-A REDACCIÓN.

Reloxería ZENITH

MÁQUINAS PARLANTES. DISCOS
AGULLAS e ACCESORIOS

M. CALVIÑO - Ourense

Vicente Risco

Abogado

Santo Domingo, 47-2.ª

Ourense

Pida a **NÓS**: ELEMENTOS de METODOLOGÍA de la HISTORIA, por Vicente Risco



BOLETIN MENSUAL DA CULTURA GALEGA

Ano XI



Ourense 15 de Fevereiro de 1929



Núm. 62

PETROGLIFOS de SABROSO e a ARTE RUPESTRE em PORTUGAL



UMA visita arqueológica a *Sabroso* realizada em 7 de Agosto de 1928 na excelente companhia dos meus amigos e distintos arqueólogos Florentino L. Cuevillas e Dr. Fermin Bouza Brey, este último chamou-me a atenção para umas gravuras que se encontravam num penedo do cume do monte.

Debruçados sobre elas e tendo limpo o musgo que cobria os seus traços delidos, apareceu uma composição inédita, representada na figura 1, nótavel pelo esquema antropomorfo do primeiro plano.

Em redor surgiram mais gravuras rupestres, de que apenas nos foi dado tomar um breve apontamento, por o sol entrar no ocaso.

Para levantar o esquecimento que pesa sobre os petroglifos de *Sabroso*, e tornar conhecidos os novos achados, foram alinhadas estas notas, que à leal camaradagem e amizade dos meus companheiros são dedicadas.

TOPOGRAFIA.

A estação pre-romana de *Sabroso*, revelada por Martins Sarmiento, fica a meia distância de *Braga* e *Gutmarães*, passando perto a estrada das *Caldas das Taipas* à *Póvoa de Lanhoso*.

Encontram-se insculpturas em quasi todos os penedos espalhados no cume do monte (LXII), alguns dos quais já foram impiedosamente partidos pelos pedreiros.

Assim, num penedo a S. daquele que contém o conjunto citado, veem-se cóvins dispostas irregularmente. Noutro a E., estão círculos concêntricos, simples ou com um sulco radial (fig. 2), de que a figura 3 dá uma ideia de conjunto.

Por último, 13,50 metros a NE. das primeiras gravuras, encontram-se 55 cóvins, dispostas sensivelmente em forma de U, em torno duma depressão suave da superfície da pedra.

BIBLIOGRAFIA.

As gravuras rupestres agora descobertas não constituem absoluta novidade em *Sabroso*, pois petroglifos semelhantes encontrou-os Martins Sarmiento há cinquenta anos. Porém a divulgação e comparação com outros desenhos está em grande parte por efectuar.

Por este motivo a bibliografia é reduzida e antiga. Martins Sarmiento ocupou-se de «sinaes gravados em rochas» em alguns ar-

tigos especiais na «Renascença» (XXXIII) e «O Occidente» (XXXIV), e nuns apontamentos publicados póstumos na «Revista de Guimarães» (XXXVI).

Cartailhac, nas suas «Ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal» (X), e o doutor J. Leite de Vasconcelos no vol. I das «Religiões da Lusitânia» fazem-lhes ligeiras referências. O Dr. José Fortes (XXI) estabeleceu pela primeira vez em 1906 um paralelo com gravuras congêneres da *Irlanda*.

FIGURAS HUMANAS ESQUEMÁTICAS E ESTILIZADAS.

Na figura 1 está representado um curioso petroglifo antropomorfo, de 0,29 m. de altura e 0,20 m. de maior largura.

A cabeça, que parece estar voltada para a esquerda do observador, é formada por uma cóvina elíptica. Num traço longo, que figura o pescoço, insere-se perpendicularmente outro, rematado por cóvinhas e orientado N-S, representando os braços no prolongamento um do outro. Os membros inferiores aparecem sob a forma de dois traços paralelos, recurvados na extremidade para indicar os pés.

Este petroglifo tem grande afinidade com um da *Galiza*, considerado pelo professor H. Obermaier como do grupo mais antigo da idade do bronze (XLIX, p. 53).

Na representação dos membros inferiores aproxima-se doutros de *Outeiro Machado* (Chaves), *Penedo das Gamelas* (Arraiolos) e da *Casota de Paramo* (Barbanza, *Galiza*) (LVIII).

A forma pouco vulgar dada aos pés observa-se no dólmen de *Soto* (Huelva) (LXXIV), em *Cabezón de la Sal* (LXI), e sobretudo nas gravuras e baixos-relevos da 2.^a idade do ferro e galaico-romanos do *Monte do Cas-*

telo (Penafiel) (LXX), *Pedra dos Namorados* (Ponte da Barca) (LXXV) e *S. Tecla* (Galiza) (LXVIII).

Juntamente com a figura humana esquemática da fig. 1, e logo acima dela, aparecem agrupadas duas estilizações extremas em forma de U ou de ferradura, que, representarão a associação dos dois sexos.

Apezar de muito conhecidas as «ferraduras», cremos que ainda não foi considerado este grupo, que parece ver-se noutra pedra de *Sabroso* (fig. 4, II, no canto inferior direito), descoberta por Martins Sarmento em 1878 (XXXVI, Rev. Guim. XXVI, p. 131).

Encontra-se também esta associação na pedra das *Ferraduras Pintadas* (Bemfeitas), e talvez em *A Vidueira* (Galiza) (LXIV).

As gravuras em forma de U aparecem em *Portugal* em: *Outeiro Machado* (Chaves), *Bagunte* (?), *S. Martinho*, *Campeã* (?), *Entre-os-Rios*, *Ferraduras Pintadas*, *Cantinhos*, dolmen de *Carvalha do Fial* e *Gândara do Fial*. Conhecem-se em várias localidades da *Galiza* (LXVI), especialmente no *Monte da Pila* e *A Vidueira* (Urdisneira); em *Espanha* (Soria, etc.) e na *Irlanda* (Roth Kanny) (LIX).

Esta estilização é freqüente nas pinturas paleolíticas do Sul de *Espanha* (Azogue, Aldequemada, Cueva de los Murciélagos, etcétera), pertencentes aos grupos 6 e 8 de estilizações de Obermaier (LXXII). M. Baudouin considera estas gravuras como representando cascos de equídeos.

O prof. Obermaier inclui no grupo mais antigo (gravuras simples, geométricas e esquemáticas) as gravuras em U da *Galiza*, e o mesmo critério é seguido por Burkitt com respeito às da *Irlanda*.

Não é porém raro encontrarem-se juntos desenhos de vários tipos, como sucede em *Sabroso* com a aparição simultânea de figuras esquemáticas e círculos concêntricos.

CIRCULOS CONCENTRICOS.

Aparecem três e quatro círculos concêntricos com uma cóvina central, e algumas vezes com um sulco radial (fig. 2), sendo o diâmetro máximo de 0,34 m.



Fig. 1 - Sabroso. Gravuras rupestres. 129

São muito frequentes em *Sabroso* e *Brilheiros*, onde Martins Sarmiento os encontrou em mais de quinze penedos e por vezes em grande abundância (fig. 4, III.) Referindo-se a eles diz Cartailhac: «Les signes en question sont formés tantôt par un ou deux et trois cercles concentriques..., tantôt par des cercles traversés d'un cote jusqu'au centre par une courte tige... le nombre de cercles sur une seule roche est une fois de dix-huit» X, p. (287).

Conhecem-se círculos concêntricos em *San Martinho* (Barco), *Monte da Saia*, *Sta. Marta*, e na *Pedra da Escrita* (Serrazes). Na *Galiza* indica T. Cuvillas quatorze localidades (LXVI), a que podemos acrescentar *Santa Tecla* (LXVIII) e *Oya* (XXVI).

Fora da Península os círculos concêntricos, quer simples quer com sulco radial, encontram-se sobretudo na *Irlanda* (Dowth, Knochckmany, Loughcrew, Mevagh, Muff, Sess Killgreen, etc.) (LIX, LXV) e ainda na *Inglaterra*, *Suecia*, etc.

Como sobrevivências notáveis do traçado de círculos concêntricos na mesma estação, convém não esquecer que apareceram no solo duma casa circular de *Sabroso* (XXXVI, Rev. Guim. XXVI, p. 13), e que em *Brilheiros* se encontram associados ao nome CAMAL (XXXIII, p. 25 e Rev. Guim. XXI, página 110).

As combinações circulares são consideradas pelo prof. Obermaier como do grupo mais recente da idade do bronze (XLIX), baseando-se no seu caracter evolucionado e maior dificuldade de execução.

A evolução das gravuras esquemáticas de braços levantados numa atitude coreográfica, até dar lugar aos círculos concêntricos foi primeiro considerada pelo Ab. H. Breuil (LVII), sendo fácil de aceitar por uma escolha conveniente de desenhos.

A figura humana apenas com os braços levantados encontra-se em *S. Martinho* (Barco), *Gândara do Fial* e *Eiras da Seixa*.

O início da estilização aparece em *Sabroso*

(fig. 4, I) num círculo (proveniente da união dos braços acima da cabeça) com uma cóvinha central, donde parte um traço secante. Encontram-se depois em *Brilheiros*: dois e três círculos concêntricos com cóvinha central e cortados por secantes (fig. 4, III); os mesmos com a secante reduzida a um raio (como em *Sabroso* fig. 2), e, por ultimo, os círculos apenas com a cóvinha central. Para Reber, e outros autores, os círculos concêntricos serão representações solares.

Aproximaremos destes desenhos pinturas do tecto do abrigo de *Valdejunco* (Arronches), onde aparece um círculo com uma secante partindo dum ponto central, e figuras femininas de mãos dadas, parecendo dançar.

Para o estudo da estilização destes desenhos, bem como para o de outras figuras da arte rupestre peninsular (cabeças em série, etc.), tem grande interesse as pinturas da II cerâmica de *Susiana* e da cerâmica prefaraónica do *Alto-Egipto* descritas por J. de Morgan (LXXI).

CÓVINHAS.

Encontram-se em muitos penedos, merecendo apenas menção um grupo de 55 dispostas pouco mais ou menos em semi-círculo.

Martins Sarmiento descobriu ainda em *Sabroso* cóvinhas formando desenhos regulares (fig. 4, I e II); o mesmo tendo sucedido a A. Girão na *Beira-Alta*.

Este tipo de gravuras é muito frequente em *Portugal*, encontrando-se p. e. nas antas de *Candieira*, *Paço da Vinha*, *Paredes* (Evora), *Figueira e Entreaguas* (Pavia), *Penalva*, *Senhorim*, *Cota*, *Frieiro*, *Alvão*, etcetera; numa antela de *Ancora*; na sepultura da idade do bronze da *Quinta da Agua Branca* (Minho); nos penedos de *Amiais*, *Barreiros* (Senhorim), *Bemfeitas*, *Braçais*, *Guimarões*, *Moreira de Cónegos*, *Outeiro de Espinho*, *Regilde*, *S. Jorge*, *S. Martinho* (lage com mais de 300 cóvinhas), *S. Simão*, *S. Veríssimo*, *Soutelo*, *Tagilde*, *Taipas*, *Vizela*, etc.

Em geral todos os autores reconhecem as cóvinhas um caracter religioso cujo simbolismo escapa; relacionado talvez com o culto

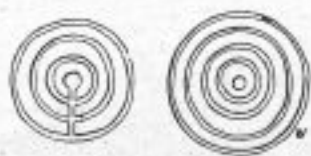


Fig. 2-Sabroso. Círculos concêntricos com sulco radial e simples. 1/20

dos mortos, como faz pensar a sua proximidade ou existência nos megálitos, com o culto dos corpos celestes, etc.

Esta última hipótese há muito que refina partidários como Th. Gravlund, Baudouin, Reber, Petersen e recentemente M. Schönfeld que a desenvolveu sobre as gravuras rupestres (*helleristningar*) de *Bohuslän* (Suécia), publicadas por Baltzer nos «*Glyphes des rochers du Bohuslän*» (1881-1891) e sobre outras gravuras dinamarquesas (LXXVI).

Se esta concepção está longe de ser comprovada não deixa contudo de ter «um carácter de precisão aparente, interessante de ser notado», segundo a opinião do professor Boule (LV).

ESPIRAIS.

Além das gravuras descritas, Martins Sarmiento registou a espiral (XXXVI, Re-



Fig. 3-Sabroso. Gravuras rupestres
(Fot. do A.)

vista de Guimarães XXVI, pp. 18 e 137), indiferentemente *dextrorsum* ou *sinistrorsum* (fig. 4, I), que aparece também em *Britteiros*, *Eiró* (Penhalonga), e *Freixo* (inédito).

Em *Britteiros* «ao pé da porta que dá para Castello-Rei» (XXXVI, Rev. Guim. XXII, p. 24), além de figuras complicadas e linhas sinuosas encontra-se um sinal labirintiforme do tipo de *Monte Mogor* (Pontevedra), de que não conhecemos outro exemplar em Portugal.

O Dr. J. Fortes estudando a espiral de *Britteiros* expunha a tese da origem oriental, hoje excluída, e pela primeira vez formulou a opinião da existência de relações prehistóricas entre a Irlanda e a *Península Ibérica* (XXI).

O Ab. H. Breuil, de acordo com o professor Macalister, exprime a propósito da Irlanda, que a sua arte, como a de Creta, é um producto local da civilização geral da Europa na idade do bronze, não passando as supostas semelhanças dum fenómeno de convergência (LVI). O mesmo professor conclue por observar a analogia dos petroglifos irlandeses com os bretoes e galegos, notável sobretudo com estes ultimos devido aos círculos concêntricos.

O mesmo carácter de independência da arte rupestre galega, que melhor diríamos galaico-portuguesa, é reconhecido pelo professor Obermaier, a quem se deve incontestavelmente a orientação do seu estudo (XLIX, LXXIII).

Para o prof. J. Loth as gravuras de *Gavrinis* são derivadas das peninsulares, encontrando ainda outras afinidades com as culturas da Irlanda e Bretanha, que explica por relações comerciais favorecidas pela corrente do Golfo (XXX, XXXI).

ARTE RUPESTRE EM PORTUGAL.

As manifestações artísticas prehistoricas —pinturas e insculpturas— reveladas até hoje em Portugal, atingem um numero elevado, só assim compensando a rudeza que lhes vem do seu estilo esquemático e modo de execução.

No inventario seguinte estão seriadas as estações por provincias. Excluem-se aquellas onde apareceram somente *cóvinhas*, por já estarem registadas, ou *ídolos-placas*, por este estudo se referir especialmente à arte rupestre. Não obstante incluímos na lista certas pedras avulsas insculptadas, por apresentarem grandes afinidades e a mesma área de dispersão.

Pinturas.

a) megalíticas.

Vandoma (Paredes). (XLII - XLV).

Sales (Montalegre). (XX, XXVIII, XXXII, XLVIII).

Meixedo (Montalegre). (XVIII).

Moncorvo (descoberta inédita do Dr. Santos Junior).

Mãmoa (Antelas, Pinheiro de Lafões). (XXIII).

Pedralta (Cota) (XI, XXV, XXXIX - XLI, XLIII, XLV).

Orca do Tanque (Sátam). (XXVIII).

Orca dos Juncais (Queiriga). (Id.)

Orca do Fôjinho (Queiriga). (Id.)

Orca de Forles (Id.)

Sobreda (Oliveira do Hospital). (LIII, XXVIII).

b) *rupestres*.

Cachão da Rapa (Linhares, Anciaes). (XII, XXVII, XIII, XVI, IX, VII).

Pala Pinta (Carlão, Alijó). (XLVII).

Valdejunco (Arronches). (L, XIV, VIII).

Gravuras.

a) *megalíticas*.

Vila Chã (Espozende). (XII, XXXVI).

Folão (Vila do Conde). (XXXV).

S. Marta (Penafiel). (III).

Ribeira do Buraco (Cota). (XXXIX - XLI, XLIII, XXIII).

Paranhos (Beira). (XXXVI).

Carvalha do Fial (Tondela). (XXIII, XXIV).

Ameais (Senhorim). (XXVII).

Pedra dos Mouros (Belas). (XV).

Freixo (Evora). (X).

b) *rupestres*.

Lanhelas (Caminha). (XXVI).

Viana do Castelo (XXVI).

Azevedo (Minho). (XXXVIII).

Cidade de Cossourado (Paredes de Coura). (I).

Gião (Arcos de Valdevez). (XIX).

Saia (Carvalhas, Barcelos). (XXXVI).

Santa Marta (Braga). (IV).

Sabroso (X, XXXVII).

Briteiros (X, XXXVII, XXI).

S. Tecla (Ronfe). (XXXVII).

Penedo dos Mouros (Ronfe). (XXXVII).

S. Martinho (Barco). (XXXVII).

Garfe (Guimarães). (XXXVII).

S. Martinho. (XXXVII).

Bagunte (Vila do Conde).

Entre-os-Rios. (II).

Sardoura (Castelo de Paiva). (Inédita).

Eiró (Penha-Longa). (LIV).

Marco de Canavezes.

Outeiro Machado (Chaves). (XLVI).

Samil (Bragança).

Gondezende (id.)

Guadramil (Bragança) nas Penas Escrevidas, como me informa obsequiosamente o Sr. Eng. Barata da Rocha.

Vila-Meã (Pedras Salgadas). (XLVI).

Penedo do Cobrão (Moncorvo). Desc. inédita do Dr. Santos Jr.

Balduero (Vilarica). Informe do mesmo senhor.

Pedra da Escrita (San Pedro do Sul). (XXIV).

Sejães. (XXIV).

Ferraduras Pintadas e Cantinhos (Bem-feitas). (XXIV).

Gândara e Eiras da Seixa. (XXIV).

Outeiro dos Mouros. (XXIV).

Ferraduras (San Miguel do Outeiro). (XXIV).

Gândara do Fial (Tondela). (XXIII, XXIV).

Loriga.

Espinho (Mangualde). (XXVII).

Pedraça (Senhorim). (XXVII).

Sant'Ana do Campo (Arraiolos). (XVII).

c) *em pedras avulsas*.

Casal (Paredes de Coura). (XXIX).

Moncorvo. (XXIX).

Vide (Moncorvo). (XXIX).

S. Martinho (Castelo Branco). (LII, XXIX, V).

Esperança (Arronches). (VIII).

Crato. (XXIX).

Reparando na distribuição patente no mapa da fig. 5, nota-se a importância que assume a região ao N. do *Rio do Mondego* por nela se encontrar a quasi totalidade das estações, ligadas intimamente com as vizinhas da *Galiza*.

Por outro lado ao S. do *Mondego* encontram-se em abundancia os ídolos-placas e ídolos cilindros comuns á cultura do sudoeste espanhol.

Este facto tem grande interesse para os estudos da etnogenia e comparação das manifestações artísticas.

As pinturas, que se encontram em *Portugal*, desde o *Alentejo* (Valdejunco) até a fronteira setentrional (Sales), ainda não foram observadas na *Galiza*. Representam a expansão das pinturas estilizadas paleolíticas e neolíticas do Sul de *Espanha*, nas quais se filiam.

Só as figuras mais antigas do abrigo de *Valdejunco* serão paleolíticas (XIII, p. 19), as restantes pinturas devem pertencer ao neolítico final (Sales, Cachão da Rapa, Juncas, Oliveira de Frades, Valdejunco, etc.) e eneolítico inicial (Vandoma, Cota, etc.)

Ainda são atribuíveis ao neo-eneolítico as insculpturas dolmênicas, que apresentam motivos simples (sinais cruciformes, figuras geométricas singelas e côvins).

Quanto às gravuras rupestres havemos de concordar que, si é relativamente fácil traçar o quadro da evolução dos diferentes esquemas, é difícil separá-los cronologicamente em grupos absolutos, por aparecerem quasi sempre agrupadas nos penedos figuras nos diversos graus de estilização, sem se poder estabelecer, como observa o prof. Obermaier, se se trata de tendências evolutivas ou duma evolução regressiva (LXXIII, página 21).

Seguindo a divisão classica de Obermaier (XLIX) em dois grupos — mais antigo e mais recente — daremos ao primeiro, além dos desenhos que se encontram nos megálitos, as variadas figuras esquemáticas; e ao segundo sacominações circulares, as espirais e figuras complicadas, que atinjam a idade do ferro.

Ao grupo mais antigo devem pertencer as insculpturas de *Gido*, *Chaves*, *Vila Meã*, *Bemfeitas*, *Seixa*, *Fial*, *Pedraça*, *Arraiolos*, etc., e ao mais recente as do *Monte da Saia*,

Santa Maria, *Sabroso*, *Briteiros* e arredores, *Eiró*, *Marco de Canavezes*, *Pedra da Escrita*, etc.

Enquanto o primeiro grupo reproduz as gravuras megalíticas, o que o faz considerar como neo-eneolítico, o segundo deve pertencer ao bronze pleno, como pensam para a *Galiza* os professores Obermaier e Burkitt (XLIX, LIX).

Devem-se fazer reservas prudentes a esta cronologia relativa, v. g., por causa de possíveis sobrevivências e pelas surpresas que



Fig. 4 - Gravuras rupestres: I e II de Sabroso, III de Briteiros (Segundo M. Sarmiento).



Fig. 5 - Arte rupestre em Portugal. (Os círculos representam insculpturas e os traços pinturas).

pode trazer o estudo dos sinais alfabetiformes de *Alvão* (Trás-os-Montes) e *Estrada* (Galiza).

As estelas funerárias, atribuídas ao eneolítico, representam na maioria o idolo funerário do tipo de *Peña Tu* (Asturias). Destacam-se as duas estelas de *S. Martinho* (Cas-

telo Branco) com representações antropomorfas particulares e cervídeos estilizados, que o Ab. H. Breuil comparou com cenas de caça de Cogul (VI); e as lápidas com armas insculptadas, da idade do bronze, de: *Sta. Victoria*, *Beringel* e *Mombaja* (Beja); *Defesa* (S. Tiago de Cacem); *Panoias de Ourique*; e *Marmeleite* (Algarve), que se afastam dos tipos estudados (LXIX, LXVII, VII, XXXI).

As manifestações de arte rupestre galaiço-portuguesa acompanham o florescimento da cultura do bronze no noroeste peninsular, como se vê comparando a sua área de expansão com a dos machados de bronze (XLI, p. 235; LXIII).

R. de SERPA PINTO.

Pôrto, Novembro de 1928.

BIBLIOGRAFIA DA ARTE RUPESTRE EM PORTUGAL

I **Alves Pereira** (Félix)—Rascunho de Velharias de Entre-Lima-e-Minho. *O Archeólogo Português*, XXVI, 1924, página 251.

II **Andrade** (Ab. Vieira de)—Castro de Entre-os-Rios. *O Arch. Port.* XXIII, 1918, p. 74.

III **Azevedo** (Pedro A. de)—Noticias varias, 5. O Penedo das Merendas. *Arch. Port.* XI, 1906, p. 238, Ct. 16, I p. 16 e V p. 190.

IV **Bellino** (Albano)—Cidades Mortas. *O Arch. Port.* XIV, 1909, p. 1.

V **Belhencourt Ferreira** (J.)—Vestígios do culto da serpente (ofidiatria na pré-história lusitânica). *A Águia*, V, 1924.

VI **Breuil** (Abbé H.) e **J. Cabré Aguiló**—Les peintures rupestres du bassin inférieur de L'Ebre. Ext. de *L'Anthropologie* XX, 1909, p. 10.

VII—e **M. Burkitt**—Les peintures rupestres d'Espagne. VI—Les abris du Mont Arabi près Yecla (Murcie). *L'Anthropologie*, 1915, p. 312 e segs.

VIII La roche peinte de Valdejunco à la Esperança près Arronches (Portalegre). *Terra Portuguesa*, III, 1917, p. 17.

IX **Cabrè Aguiló** (Juan)—Arte rupestre gallego y portugués (Lira d'os Mouros y Cachês da Rapa). *Memorias publicadas pela Soc. Portuguesa de Sc. Naturais*, II, Lisboa, 1916.

X **Cartailhac** (E.)—Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal, Paris, 1886.

XI **Coelho** (José)—Policromia megalítica Vizeu, 1924.

XII **Contador de Argote** (P. Jeronimo)—Memorias para a historia ecclesiastica do Arcebispado de Braga Primas. das Hespanhas, Lisboa, 1734. Ed. latina 1738.

XIII **Correia** (Vergílio)—Arte préhistorica. Pinturas rupestres descobertas em Portugal no Sec. XVIII. *T. Port.* I, 1916 p. 116. Obra a consultar para a bibliografia do Cachê da Rapa.

XIV Pinturas rupestres da Sea. da Esperança (Arronches). *T. Port.* I, 1916, p. 158.

XV Gravuras do «dólmens» da Pedra dos Mouros (Belas). *T. Port.* II, 1917, p. 185.

XVI A propósito da «Arte rupestre gallego y portugués» do Sr. Juan Cabré Aguiló. *T. Port.* II, 1917, p. 186.

XVII El neolítico de Pavía (Alentejo-Portugal). Mem. número 27 da Com. de Inv. Pal. y Preh. Madrid, 1921.

XVIII **F. Barreiros**. Materiaes para a Archeologia do Concelho de Hontalegre. *O Arch. Port.* XXIV, p. 58.

XIX **Fontes** (Jonquim)—Uma excursão arqueológica a Galiza. *Arqueologia e Historia*, V, Lisboa, 1917.

XX **Fontes** (José)—A necrópole dolménica de Salles (Terras de Barrozo). *Portugalia*, I, 1901, p. 668.

XXI—La spirale préhistorique et autres signes gravés sur pierre. Etude sur les relations antéhistoriques de l'Ibérie avec l'Irlande. *Revue Préhistorique* première, 1906, n.º 10, Paris, 1907.

XXII **Gimpera** (P. Bosch)—Arqueologia preromana hispânica. Ap. a *Hispânia* de A. Schulten, Barcelona, 1920.

XXIII **Girão** (Aristides d'Amorim)—Antiguidades pre-historicas de Lafões. Publicações do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra. *Memorias e Noticias*, número 2. Coimbra, 1921.

XXIV Arte rupestre em Portugal (Beira-Alta). *Biblos*, I, número 3. Coimbra, 1925.

XXV Monumentos pré-historicos do concelho de Viseu. *O Arch. Port.* XXVI, 1927, p. 282.

XXVI **Jalhay** (P. Eugénio)—Los grabados rupestres del extremo Sudoeste de Galicia (Alrededores de Oya-Provincia de Pontevedra). *Bolet. Arqueológico de la Com. Prov. de Monumentos de Orense*. VII n.º 167, 1926, p. 373.

XXVII **Leite de Vasconcelos** (José) Religiões da Lusitânia I Lisboa 1897.

XXVIII Peintures dans les dolmens du Portugal. *L'Homme Préhistorique*, V, Paris, 1907.

XXIX Esculpturas prehistoricas do Museu Ethnologico Português. *O Arch. Port.* XV, 1910 p. 31.

XXX **Loth** (J.)—Relations directes entre l'Irlande et la Peninsule Ibérique à l'époque énéolithique. *Mem. de la Soc. d'Hist. et d'Arch. de Bretagne*, VI, 1926, p. 137. An. de B. Gimpera no *Bull. de l'Ass. Cat. d'Antr.* IV, 1926, p. 289.

XXXI Relations directes entre l'Irlande, l'Armorique et la Peninsule Ibérique à l'époque énéolithique. *Bull. de la Soc. d'Hist. et d'Arch. de Bret.* VII, 1926 p. 1.

XXXII **Luquet**—Les pétroglyphes de Gavrinis. *L'Anthropologie*, p. 100 et fig. 34. Paris, 1913.

XXXIII **Martins Sarmiento** (F.)—Sinaes gravados em rochas. *Renascença*, Porto, 1878, p. 25. Sobre a bibl. de Sarmiento consultar o excelente trabalho de M. Cardoso - *Bibliografia Sarmientina* Sep. da Revista de Guimarães 1927 e *Ibid.* 1928.

XXXIV Arte pre-romana. *O Occidente* II, 1879 p. 157.

XXXV Aditamento à «Noticia Archeologica sobre o Monse da Cividade» de R. Severo e A. Cardoso. *Revista de Guimarães* III, 1886 p. 142 segs.

XXXVI Materiaes para a archeologia da comarca de Barcelos. *Rev. de Sciencias Naturaes e Sociaes* III, Porto 1895.

XXXVII Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. *Rev. de Guim.* XVI, XVIII, XIX, XXI, XXII.

XXXVIII Carta ao Dr. J. L. de Vasconcelos. *O Arch. Port.* VI, 1901 p. 183.

XXXIX **Mendes Corrêa** (A. A.)—Arte préhistorica na Beira. *Noticias de Vizeu*, 12. X, 1924.

XL Pinturas e insculpturas megalíticas. *Revista de Estudos Históricos*, I, Porto, 1924, p. 65.

XLI Os povos primitivos da Lusitânia. Porto 1924.

XLII Prehistoria no distrito do Porto. *A Águia* números 37 a 48 (3.ª serie) - Porto, 1926.

- XLIII Nouveaux documents sur l'art préhistorique du Portugal. *Revue Anthropologique* XXXVIII, 1928 p. 169.
- XLIV Le serpent, totem dans la Lusitanie proto-historique. *Anais da Fac. de Sciencias do Porto*, XV, 1928.
- XLV Historia de Portugal. I. A Lusitania pre-romana. pp. 132 segs. Barcelos 1928.
- XLVI Art rupestre en Trás-os-Montes (Portugal). A publicar na *Revue Archéologique*, Paris.
- XLVII Mesquita (H. de) e V. Correia — A Pala Pinta. *J. Port.* números 33-34, 1922 p. 145.
- XLVIII Obermaier (Hugo) — Die Dolmen Spaniens. *Mittheil. der Ges. in Wien*, Bd. L, Wien 1920.
- XLIX Die bronzzeitlichen Felsgravierungen von Nordwestspanien (Galicien). *Ipeh* 1925.
- L Pacheco (Eduardo Hernández) — Pinturas prehistóricas y dolmenes de la región de Albuquerque (Extremadura). *Bolet. de la R. Soc. Esp. de Hist. Nat.* XVII 1917. Reproducido na nota n.º 8 da Com. de Inv. Pal. y Preh.
- LI Pereira Lopo (A.) — O Castro do Lambeiro de Maquieiros. *O Arch. Port.* V, 1900, p. 14.
- LII Proença Junior (F. Tavares de) — Notice sur deux monuments épigraphiques. Coimbra, 1905. Ver bibliis. Sobre o assunto n.º *O Arch. Port.* XV, 1910 p. 41.
- LIII Santos Rocha (A. dos) — As Arcas das do Seixo e da Sobreda. *Portugalia*, I. fasc. L.º p. 13, Porto, 1899.
- LIV Vitorino (Pedro) — Insculpturas do Monte d'Eiró. *O Arch. Port.* XXV, 1924, p. 39.
- LIX Barlit (Miles) — Notes on the art upon certain megalithic monuments in Ireland. *Ipeh*, 1926, p. 52.
- LX Our early ancestors. Cambridge, 1927.
- LXI Carballo (Jesús) — Descubrimiento de un centro de arte neolítico en la provincia de Santander. *Actas y Memorias. Soc. Esp. de Antr. Etno. y Preh.* I, 1922, p. 141.
- LXII Carta Geodésica de Portugal (1:100.000). Folha 4.
- LXIII Castillo (Angel del) — Hachas de bronce de talón. Sep. do *Bolet. de la Real Academia Gallega*, 1927.
- LXIV Cerdeirinha (Aurel R.) — Notas pra un estudio da Urdilheira. *NÓS*, núm. 31, 1926, p. 36.
- LXV Coffey (G.) — The origin of prehistoric ornaments in Ireland. *The Journal of the Royal Society of Antiquaries* 1894-97. Citado por XXI.
- LXVI Cuevillas (Florentino L.) — Nota en col de unha insculptura inédita de Tencóro. *Bolet. R. Ac. Gal.* XXIII, número 200 1928.
- LXVII Dechelette (X.) — Manuel d'Archéologie préhistorique celtique et gallo-romaine, 2.ª ed. Paris, 1924.
- LXVIII Garcia (Julian L.) — La citania de Sta. Tecla 1926.
- LXIX Leite de Vasconcelos (J.) — Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *O Arch. Port.* XI, 1906, p. 179 e XIII, 1908, p. 300.
- LXX Mendes Corrêa (A. A.) — O petroglifo do guerreiro lusitano do Monte do Castelo de Penafiel. *Boletaria. Série mensal*, IV, 1927.
- LXXI Morgan (J. de) — L'influence asiatique sur l'Afrique à l'origine de la civilisation égyptienne. *L'Anthr.* XXXI.
- LXXII Obermaier (Hugo) — El Hombre Fossil. Mem. número 9 da Com. de Inv. Pal. y Preh. 1.ª ed. Madrid, 1916.
- LXXIII Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia. *Bolet. de la Com. de Mon. de Orense*, VII, núms. 148, 149, 1923.
- LXXIV El dolmen de Soto (Trigueros; Huelva). Sep. do *Bolet. de la Soc. Esp. de Excursiones*, XXXII, 1924.
- LXXV Rocha Peixoto — A pedra dos Namorados. *Portugalia*, I, p. 807.
- LXXVI Schönfeld (M.) — L'astronomie préhistorique en Scandinavie. *La Nature*, 49e. année, 1921, núm. 2444, p. 81.

BIBLIOGRAFIA GERAL.

- LV Boule (M.) — L'astronomie préhistorique en Scandinavie. An. de LXXXVI em *L'Anthr.* XXXI, 1921, p. 178.
- LVI Breull (H.) — Les pétroglyphes d'Irlande (Notes de voyage). *Revue Archéologique* XIII, 1921, p. 75.
- LVII — e Macalister — A Study of the chronology of bronze age Sculpture in Ireland. *Proc. of the Royal Irish Academy*, XXXVII, 1921. Citado por XLIX.
- LVIII Breg (F. Bouza) e F. L. Cuevillas — Prehistoria e folklóre da Barbanza. *NÓS*, 1927.





A EIREXA PRE-ROMÁNICA DE FRANCELOS

Con motivo da primeira misión de estudos arqueolóxicos que organizou en Galiza a *Junta para la ampliación de estudios*, visitéi a eirexa de Francelos acompañando a D. Manuel Gómez Moreno. Dende aquela visita, feita o día 12 de Agosto de 1927, ven-se retrasando a publicación de unha noticia sobre tan interesante moimento, pol-o desexo de outar de él unha información gráfica completa. Hoxe, obtidas as fotografías pol-os Sres. Sánchez e L. Cuevillas e levantada a pranta por Ramón Fernández, arríscome a publicala, cumprindo os desexos do meu mestre o Dr. Gómez Moreno, que, c'un agarimo que agradece de cheo, honroume ca súa axuda, aumentando e correxindo as miñas notas. Esta papeleta é como un avance de unha noticia que sairá no *Archivo Español de Arte e Arqueología* do Centro de Estudios Históricos.

Francelos tópase a dous kilómetros de Ribadavia, cara o S. perto da carretera de Vigo e no centro do chan que chaman de Valparaíso. Provincia de Ourense. Diócesis de Tuy.

Soa Francelos entre as localizacións das moedas visigóticas que levan as leendas: *FR A V C E L L O* (Witerico, Suinthila) e *FR' A V C E L : O* (Chindaswinto), fronte á atribución a Frogelos, mais xeneralmente aceptada, sendo de notar que Heiss coloca a

Francelos na diócesis de Astorga á que nunca pertencéu (1).

Meruéndano (2) e unha relación de casas relixiosas de diócesis de Tuy (3), dan como segura a existencia en Francelos, durante os séculos IX e X de un mosteiro benedictino, unido pouco despois a Celanova. A noticia debe proceder de Avila y La Cueva, que precisa aínda mais decindo era de monxas, (4). O único dato que respecto a

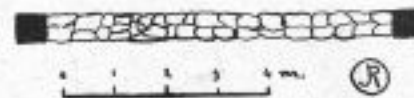
esto parece comprobado é o de, que no século XVII os terreos cercanos á eirexa chamábanse «do mosteiro».

En 1156, figura Santa María de Francelis entre as eirexas adxudicadas por Alfonso VII ó Cabildo de Tuy, no privilexio confirmador das posesións do Obispo e da Conga. Este privilexio, confirmado á súa vez por Alfonso X, en 1279, foi publicado por Flórez na *España Sagrada* (5).

Deica os fins do século XV esta eirexa tiña a advocación de Santa María Magdalena que trocou pol-a de San Xés, que hoxe leva, sendo anexionada co seu territorio e feligreses á parroquial

de Santiago da vila de Ribadavia.

Avila y la Cueva de quen procede este dato recolle abundantes notas sobre a situación d'estas eirexas nos pleitos entre o mosteiro de Oseira e os bispos de Tuy sobre a cuestión dos diezmos (6).



Según Meruéndano, existían en 1674 anacos de construcións cercanas á eirexa que se tiñan por restos do antigo mosteiro. Tamén foron considerados como cimentos de él uns c'os que se tropezou ó abrir as trincheiras pra a vía férrea nos anos de 1871 e 1872.

Meruéndano a quen seguiu o P. Eiján, ó falar de Francelos (7), dá unha sinxela noticia dos elementos importantes que se conservan da vella eirexa, decindo que nos muros da capela actual existen «empotradas algunhas pedras procedentes del antigo edificio... Tales son una en que se hallan toscamente grabadas o esculpidas algunhas figuras al parecer de monjes y otra calada formando una reja, con más dos columnas y sus capiteles que se hallan colocadas a los lados de la puerta de la capilla».

A eirexa de Francelos, de pranta rectangular e pequenas proporcións (7 X 10 metros ó exterior) non nos ofrece outro motivo de estudio que os elementos decorativos e membros arquitectónicos que se topan na súa fachadiña, cobixada baixo un pórtico e albeigada, en gran parte.

A porta presenta un dintel adovelado, moderno, metido baixo un arco de medio punto, algo peraltado, de gran dovelaxe, que é o primitivo, e dúas medias columnas laterais, adheridas ás xambas. As basas de estas columnas están formadas por un plinto, un tambor cilíndrico, un bocel e unha semies-cota moi breve.

O fuste monolítico das columnas, está decorado, en toda a súa altura, por un tronco vertical nudoso, do que saen ramas pareadas, con sendos racimos. Os capiteles son entregos, tallados nos mesmos sillares dos relieves de que logo se falará, e compostos de catro ordes de follas carnosas e con nervio central moi acusado. Ambos presentan ábaco rectilíneo de pouca outura e carecen de collarino.

Xunto ós capiteles vénse dous relieves de tipo moi parecido ós de San Xohan de Camba, que representan esceas similares; no da banda de Espistola dous persoaxes con túnicas longas erguen á outura dos ollos algo que pode ser un ramo en honor de outro persoaxe que, cabalgando nun xumento, levanta a man en actitude de beizoar. O espacio entre a derradeira figura e o cerco está ocupada por unha estilización de arbore, ó parecer.

O outro relieve amosa a figura que cabalga de xeito que parece ser detida por un persoaxe, tamén con túnica longa, que leva en alto un ouxeto puntiagudo, como coitelo. O cerco que no outro relieve é rectangular se axusta n'este ó contorno das figuras.

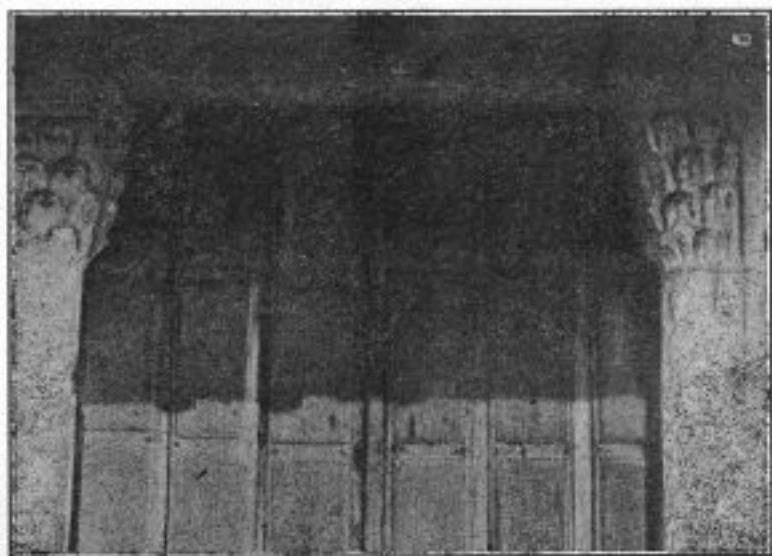
Cicais poideran interpretarse como representacións da entrada do Señor en Xerusalém e de Balaam detido pol-o anxo.

A pouca outura do chan, e na banda da Epístola, ábrese unha ventán de arco de medio punto, con celosía de pedra calada formando dous florons de oito pétalos e tres arquiños de ferradura no outo; o seu cerco se compón de unha moldura retorta, como corda, un tallo ondulado con follas acorazonadas i-enriba, cñéndose ó semicírculo dúas parexas de aves afrontadas e dúas follas soltas, acaso. A fotografía dá unha perfecta idea da disposición de estes elementos e da ornamentación da celosía. Ó outro lado unha sempre ventán con reixa de ferro.

Non é seguro que todo o dito sexan pezas aproveitadas de outra construción; aínda somella difícil que o arco teña sido repostado. En troques a celosía mais parece corresponder a un testeiro de capela. Sería mester desencalar as dovelas do arco e recoñecelo por dentro.

MENSURAS.—Arco: outo, 1'10; diámetro, 1'80; dovelaxe, 0'80. Columna: outo total, 2'10. Espacio entre os ábacos, 1'50; entre fustes, 1'70. Capitel: outo, 0'53; ancho, na parte superior, 0'50; na inferior, 0'20; fuste, 1'18; basa, 0'40. Celosía: outo total, 1'47; ancho, 0'91. Relieves: Outo, 0'52; ancho respectivamente, 0'80 e 0'52.

CRASIFICACION E DATA.—Según Don Manuel Gómez Moreno, todol-os caracteres do edificio obedecen ó arte asturiano avan-



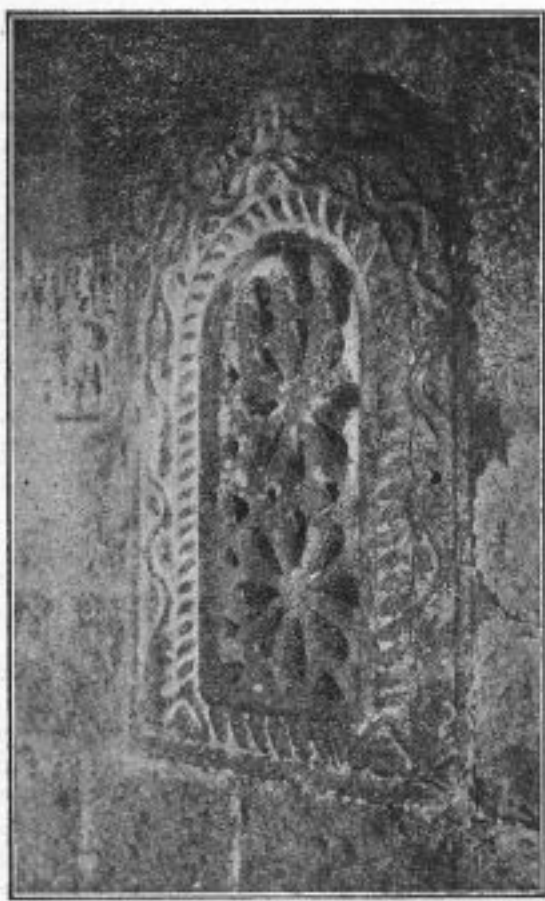
Fot. Sánchez

Fig. 1.—FRANCELOS.—Detalle da porta



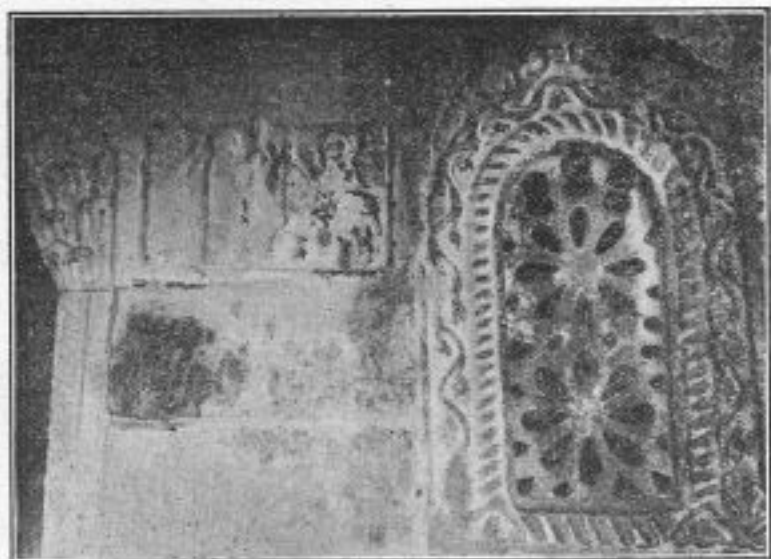
Fot. Cuevillas

Fig. 3.—Capitel e relieve da banda da Epístola



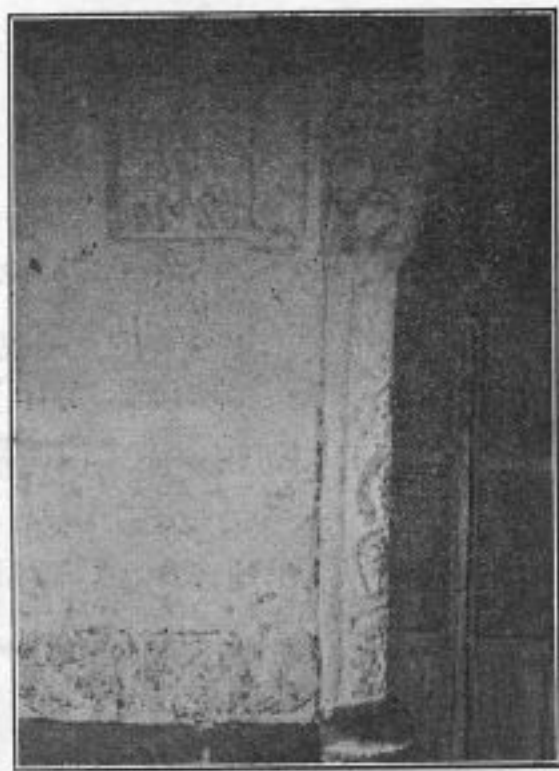
Fot. Cuevillas

Fig. 5.—Celosía na banda da epístola



Fot. Sánchez

Fig. 4.—FRANCELOS.—Capitel, relieve e celosía, na banda da Epístola



Fot. Cuervillas

Fig. 2.—Columna, capitel e relieve da banda do Evanxeo

zado. O peraltado do arco; as columnas cos seus capiteles entregos e os seus semifustes adheridos ás xambas; os capiteles casi iguais ós de Liño que se conservan nos museos de Oviedo e Madride; a celosía, tan somellante ás de Priesca e Argüelles; a técnica plana dos relieves, aínda menos modelados que os de Camba. Somentes os fustes, co seu adorno vexetal, constituíen un avance res-

pecto os de Naranco, provistos de estrias curvas entre sogueados verticais. Pode creerse concluye o Dr. Gómez Moreno, que corresponderá o edificio á metade do século IX ou pouco despois, e destaca entre todos os de Galicia pol-a súa riqueza decorativa e antiguidade, dentro de aquel período, sin rastro de mozarabismo aínda.

XOSE FILGUEIRA VALVERDE

NOTAS

(1) Pío Beltrán—Las monedas visigodas acuñadas en la Suevia Española (Diócesis de Iria, Lucus, Aureense, Tude y Asturica) B. C. P. M. Ourense t. V, números 101 a 106, Marzo 1915 a Febreiro 1916.

(2) Meruéndano—Origen y vicisitudes de las antiguas cuatro parroquias de la villa de Ribadavia, de sus dos conventos y de los hospitales de la misma. Ourense, Otero, 1914 páxinas 31, 32.

(3) Breves noticias de las casas religiosas que hubo en la diócesis de Tuy, de las que se conservaron hasta la extinción de regulares en 1835 y de las que permanecen hoy. Bol. Ecl. de

el Obispado de Tuy, Año II, núms. 30, 31, 32, 15 Abril a 15 de Mayo, 1860.

(4) Avila y la Cueva—Historia del Obispado y Ciudad de Tuy. M. S. perteneciente a la Sociedad Arqueológica de Pontevedra, capítulo III, párrafo 12 y siguientes.

(5) Flórez—España Sagrada, XXII, página 89 y Apéndice XIII.

(6) Avila y la Cueva, Ob. cit.

(7) P. Samuel Elján O. P. M. Historia de Ribadavia y sus alrededores. Madrid, 1920, páginas 70 y 71.





POR TERRAS ORIENTALS



(CARTAS ENCOL DA MIÑA PILINGRINAXE)

III

Nápoles.

Moi cediño imos pr'a estazón a tomalo tren que nos ha levar deica Nápoles, a segunda cibdá italián. Unhos minutíños nada mais e xa non verei Roma, isa cibdá, nai paridora de tantos pobos anterros que aínda hoxe levan aceso nas maus o fachoño sagro da civilización mais escolleita; isa cibdá que se perdeu a hexemonía d'outrora, mantén outo o cetro espritoal do catolicismo que quer dicir, universalidade. Millor que co-as verbas de dispidida cheas de cativa intenzón que lle botou o Bautista Mantuano (citado pol-o Erasmo nos seus *Colloquia*) e que din eisi: *Roma vale, vidi; satis est vidisse, revertar...* etc, eu doullo o adeus cos versos do bon Horazo (1) nos que latexa sen dúbida un pensamento imperialista, pro non do todo alleo on senso ortodoxo:

*Augur et fulgente decorus arcu
Phebus, acceptusque novem Camoenis,
Qui salutarí levat arte fessos
Corporis artus,
Si Palatinas videt aequans arces,
Remque Romanam Latiumque felix,
Alterum in lustrum, meliusque semper
Proroget aevum.*

Encol disto do imperialismo non podo aturar o dicirche dúas verbas. E deixando o sán imperialismo quasi doumáteco da Roma Católica que quizais se podería chamar millor *paternalismo*, dixérase con refirencia o outro, que aquíl lévedo posto fai vinte-dous séculos, non se derramou do todo, sonón que por vegadas síntese con forzas coma pra loitar coas leises históricas dos

pobos e hastra co-aquela *razón esquirta* que é a ademirazón do mundo inteiro.

Debo anotarche que istas considerazós, eiquí espalladas afeito, son o produto das impresiós tidas onte por cuaselidá, cando dispois de lle bicar o anelo ó gran Papa Pio XI, quen con sereidade sobornatural, leva n'istes tempos bulideiros e abourantes o timón da Eirexa, pasei preto do pazo do Duce. Eu iba facerlle unha visita a unhas monxiñas hespañolas que viven nun conventiño apegado ó devandito pazo. Ó tempo de entrar ollo que entran pol-a mesma porta un fato de soldados armados. Pareime unha pizcalla, feito un parvo, e enxergo que arredor da parede outísima que pecha aquíl gran pazo e a unha distanza de dez en dez metros hai unha cadeia de gardas con fusils.

Cando lles espuxen ás monxiñas a miña estraneza dixéronme que de día e de noite s'estaban alí aquíles homes e que tiñan tales ordes que nin xiquera se podían se falar os ús cos outros. Se cadra de ó Musolini estar fora, fáiselle igoal a garda e cando está pra se vir un pelotón éntrase pol-o pazo e esculca ben esculcados os recantos todos da casa. Hai medo, moito medo de que se esborralle a obra do Duce, direuto herdeiro dos vellos emperadores románs. E é, meu amigo, que os imperialismos que non teñen outros cimentos mais que os postos pol-a forza, abanéanse e hastra se veñen abaixo aixiña, e mais nos pobos insinados na escola da *forza do dereito* e non do *decreto da forza*. En fin, sempre será un axioma aquilo do *nihil violentum durabile*, e senón, deixémoslle tempo ó tempo.

Eisi matinaba eu camiño de Nápoles n'aquela mañán garrida, non bastando a

(1) *Carmen saeculare*.

arrincarme de tales pensamentos a vista fuxitiva e sangal dos fermosos eidos e currunchos raxados e esgazados pol-o tren n'unha carreira tola. Houbo, si, algo que me chamou a atenzón e foi un nome: Caianello-Vaerano.

Foi no 22. Non sei quen xuncras me poruxera un viaxe a Nápoles en automóbile. E eu créndoo de mais engado que facéndoo pol-o tren, animeime e por pouco me custa a pelexa. O auto era menos que medián. A pesar de saír a meianoite de Roma non viamos acabado o camiño. Pra romate, dispois de se parar moitas vegadas, deu tal contrapallazo n'unha costaña que me manquei ben na cabeza e grazas ó sombreiro que m'amparou senón posiblemente non cho conto hoxe. Isto pasounos eiquí arredor e eiquí mesmo deixamos o malfadado auto pra seguire no tren sen emportarnos do chofer que bruaba e gomitaba pol-a boca moitas falcatuadas, as cales ditas na sagra e doce lingua do Dante, somellábannos chuchameles. O único que saquei foi a millor impresión da paisaxe e o poder determonos unha pizcalliña en logares cheos de relembrados e belezas, coma Monte-Casino, Ceprano e outros. Por certo que en Ceprano copiei estes versos postos n'unha lápida no VI centenario da morte do Dante e que son proba de agradecemento ó outisimo Poeta por se lembrar d'aquíl pobo na sua diviña *Commedia*, eternizándoo nas aas da fama:

*E l'altra, il cui ossame ancor s'accoglie
a Ceperan la dove fu bugiardo
ciascun Pugliese...* (1)

Ceguei ás dúas o mesmo que no outro viaxe. E xa que mañán, pensei, teño de facer a imprescindibile excursión de Pompeia e mais a de Vesubio, vou adicarlle toda a

serán ó incomparabre museu. Ala vou aixiña ó traves d'istas rúas cofecidas denantes, non sen pousar os ollos nos letreiros das tendas onde se lén moitos Pérez e López. Porque Nápoles non pode negar anque queira, a sua enxebreza o mesmo na fala misturada de castelanismos que no ambiente cibdadán.

O museu ten moitismo que vere. Coma se sabe é un dos milllores do mundo. Aquil gran galego o Conde de Lemos a quen tanto deben os literatos castelás, Cervantes, Lope, Quevedo, Argensola, (algús llo pagaron dispoixa con alcumes á terra onde naceu) foi quen mandou facer iste edifizio pra Universidade dos Estudos: eisí o recoñece unha lápida no adro.

Non é posíble darche unha idea dos valores artísticos eiquí gardados. Centos de estautas en mármole e bronce de primeiro orde; esgrevios mosaicos de Erculán e Pompeia; baril coleuzón de xemmas románs e milleiros de ouxetos en ferro, bronce, vidro e terracotta, de un prezo insospeitado. Bástechen anotar que me fartei de ver o belido releve do Orfeo e Euridice, o Doriforo do Policeto, a Flora Farnesia, a Venus de Capua, o Touro Farnesio, verdadeira «montaña de mármole», asegún o chamaron os antergos; o Hércules Farnesio, a estupenda Venus de Sinuesa e un fato de esculturas iconográficas dos emperadores, filósofos, oradores, poetas e loitadores mais asonados na Greza e na Roma. Sai un d'allí, por forza, con gran dór de cabeza se non se fai o que eu fixen: cingirme á ducia de cousas mais intresantes e de mais importancia na Arte.

¿Falareiche agora de Pompeia, do Vesubio, de Capri... *spatiis exclusus iniquiis*? Non é doado. Deixarémolo pra seguinte epístola que che poñerei dendes de a outa mar con rumbo a Mesina...

A. GOMEZ LEDO.

Está á esgotarse a

Historia Sintética de Galicia

por Ramón Villar Ponte.

(1) Inferno, canto 28-V-15.

OS HOMES, OS FEITOS, AS VERBAS

NOTAS DE GALIZA.

ESTÁSE preparando pra esta primaveira, unha Semán Galega na cibdade do Porto, en cuia orgaizazón colaboran valiosos elementos d'aquela ilustre Universidade e do Seminario d'Estudos Galegos. O entusiasmo con que foi acollida a idea pol-os nosos amigos do país irmau e pol-os intelectuais d'eiquí, fai agardar un grande éxito e un gran avance na fraternal cordialidade das duas terras e na colaborazón espiritual dos seus homes d'estudo.

NÓS, que sempre tivo com'un dos seus fitos primordiais a comunidade cultural lusogalaica, adrese dende logo co-a meirande ledicia a tan fermoso emprendimento, e adicará un número á dita festa.

**

ANÚNCIASE un traballo en col de Galiza do Sr. Ebeling, do *Seminar für romanischen Sprachen und Kultur* da Universidade de Hamburgo, que será publicado nos *Studien* do dito Seminario. O Sr. Ebeling visitou a provincia de Lugo no outono derradeiro.

**

PLÁCIDO R. Castro publicou un notabilísimo ensaio tidoado *La Saudade y el arte en los pueblos célticos*, estudo de comparanza, ilustrado con abondosos eixemplos de poetas e escritores irlandeses, escoceses, galeses, galegos e portugueses, apuntando innegábeles identidades de sentimento. Leva un prólogo do noso colaborador M. Portela Valladares, escrito en galego, onde comenta tamén a saudade, á que chama atinadamente «epidemia da Gulf-Stream».

**

No teatro Jofre do Ferrol estrenouse pol-o cadro de declamación de «Toxos e Frores» e de «Los Amigos del Paisaje Gallego», unha versión galega de *Le médecin malgré lui* de Molière, feita pol-a Srta. Peruca Bouza Vila.

**

LA GACETA LITERARIA de Madrid ocúpase longamente, e con merecida loubanza, do libro d'Otero Pedrayo *Paisajes y problemas geográficos de Galicia*.

**

A Academia Galega acordou celebrar no ano 1923, conxuntamente o Centenario de Murguía e Rosalía.

**

A Editorial NÓS publicou un fermoso libro de versos de Xulio Sigüenza: *Cántigas e verbas ao ar*, e outro de Xesús San Luís Romero: *A volta do bergantiñán*.

**

MOI logo publicaráse o segundo volume dos *Arquivos do Seminario d'Estudos Galegos*.

**

NÓS comenzou o troque co-a sonada revista italiana *La Fiera Letteraria*, a iniciativa do Sr. Dr. Giacomo Prampolini, que nos fixo o ousequio de nos escribir pra s'informar da renacencia das nosas letras, das que tenciona ocuparse na *Fiera* e mais en *Nord-Sud*.

**

VAI saír o segundo volume de *Cousas* do Castelao.

**

TAMÉN s'iniciaron as relacións culturás co-a Bretaña, por intermeio do noso querido amigo e colaborador Philéas Lebesgue. Temos recibida unha amábele carta do bardo Taldir (Dr. François T. Jaffrennou), ilustre celtista e poeta en língoa bretona, adeministrador da revista *Le Consortium breton*, órgano principal do movemento renacentista

d'aquela terra irmá, á que d'end'eiquí saudamos co-a meirande cordialidade.

Co-esto, agardamos tamén poder ter ós nosos lectores ó corrente do movemento panceltista, ó qual Galiza non pode ser allea.

**

TEMOS recibido o número extraordinario do *Boletín Oficial Eclesiástico de la Diócesis de Orense* adicado ó Ilmo. e Reverendísimo Sr. Bispo D. Florencio Cerviño, no que ven a conferencia feita na Catedral d'Ourense pol-o noso amigo e ilustre arquitecto Antón Palacios en col do seu grandioso proieuto de reforma da fachada e da gran plaza diante d'ela, que con tanto entusiasmo acolheu o Prelado. Ven ilustrada con planos e deseños que amosan a gran beleza da obra. Trai ademais a presentación feita pol-o Sr. Dr. Cerviño, e os discursos de don Marcelo Macías e Don Basilio Alvarez. Damos o noso parabén ó Sr. Bispo, e faguemos votos por que a grandiosa obra que tenciona chegue a ter realidade.

NOTAS DE PORTUGAL.

VAISE fundar na Universidade de Coimbra un *Instituto de investigações históricas de navegações e descobrimentos portugueses*, pr'o qual será adquirida a biblioteca do ilustre profesor Dr. Luciano Pereira da Silva.

**

No tocantes á expansión internacional da língoa portuguesa, din que n-istes días inaugurárase un curso de língoa e literatura portuguesas na Universidade de México, e pr'o vrau que ven, haberá outro na alemana de Marburgo. En Washington publicou unha nova gramática portuguesa Mr. J. Dunn.

**

DESPOIS da Esposición do libro portugués en Madrid, celebraránse outras no Instituto Ibero-Americano de Moscova e mais na Esposición de Sevilla.

Tamén noso colaborador Correa Calderón propuxo que se tivera outra en Galiza.

OUTRAS NOTAS.

A Universidade de Valencia instituíu cadeiras de língoa valenciana, d'história e d'arte valencianas. Ferran Soldevila en *La*

Publicitat propón esto com'un eixemplo pr'a Universidade de Barcelona. Que diremos nós da de Compostela?

**

L'AMIC DE LES ARTS anuncia un número rabiosamente avangardista no que será combatida toda manifestazón de arte e loubadas total-as aitividades antiartísticas. Coi-damos que non compre propugnalas; elas dominan xa de seu..

**

LA GACETA LITERARIA publica unha páxina puramente catalana e outra portuguesa, nos respectivos idiomas.

LIBROS

TERRAS DE AMOR, por JAIME FRANCO SANTOS (Brasil), 1927.

JAIME Franco é un escritor brasileiro que nos dá n-iste libro as impresiós emocionadas e as ouservaciós xustas, d'unha viaxe por Portugal. Fálanos de terras ben coñecidas, e sabe evocar moi ben as lembranzas d'aquelas paisaxes, rematando, en pelerina-xe d'artista, na casa onde viveu Camilo Castelo Branco, verdadeira obriga de todo bon lusitanista.

Jaime Franco escribe sinxela e limpamente pra ben deixar transparentar o que viu e sinteu, pois coma dí o seu prologuista, Jorge Guimarães Daupías, pouco parou en Lisboa e Porto: «Logo se embrenhou no sertão, andou nos comboios ronceiros, palmilhou as estradas poeirentas, enveredou pol-os sombrosos atalhos, defrontou os feracísimos campos, os verdes lameiros, entrou nas poéticas aldeas, foi aos brancos casais, meteu-se nas alegres romarias e presenciou as devotas procissões,» probando a calidade do seu gusto e do seu sentimento.

LA NUEVA EMOCIÓN GALLEGA, por EDUARDO BLANCO AMOR, Buenos Aires, 1928.

ESTA é unha conferencia dada pol-o autor na «Asociación Amigos del Arte» de Bós Aires co gallo da esposición d'augafortes de Xulio Prieto. N-ela fai non somentes unha perfecta caracterización do ser galego, pra destacalo do totalismo hespañol en que por fora sole andar envolto e pol-o tanto desfigurado, senón qu'acomete unha historia completa da nosa renascencia no seu mo-

mento dos Precursores e no d'agora, c'unha fonda coñecencia dos dous. Blanco Amor non é sómente un poeta: é un crítico e un ensayista, un curioso e omnívoro lector, e ten unha gran capacidade de síntese e creza d'esposición, comunicativa ademais dos sentimentos qu'el moven; no meio da súa ouxetiva e tranquila sereidade. Galiza e os seus valores teñen n'el un incansábele propagandista, e os nosos artistas, coma Xulio Prieto, que motivou esta conferencia, un atinado e fondo intérprete.

REVISTAS

BOLETÍN DE LA REAL ACADEMIA GALLEGA, Cruña, 1.º Enero 1929.

SUMARIO: Notas epigráficas: *Inscripciones medievales que se conservan en el patio de San Clemente de Santiago*, por Angel del Castillo. — *Sección oficial*. — *Noticias*.

O Sr. Castillo oférce-nos a lição de trece lápidas ou tampas funerarias dos séculos XI, XII, XIII e XIV, as dos tres primeiros latinas, as do derradeiro galegas, que están no pátio de San Clemente dende a exposición do ano 1909, e fai en col de elas atinadas observacións sobre a grafía, abreviacións, etcétera. Trai deseños e fotografías.

BIBLOS, Coimbra, Novembro e Dezembro 1928.

SUMARIO: Dr. Antonio de Vasconcelos, *Fragmentos preciosos de dois códices paleográficos-visigóticos* (tiras e unha folla solta d'un Misal e d'un Antifonario, respectivamente, atopados no Arquivo da Universidade de Coimbra). — Dr. Gonçalves Cerejeira, *A época das grandes sementeiras*. — Pierre Salomon, *Um romance romanesco, «Lelia» de G. Sand*. — Eduardo-Felipe Fernández de Castro, *Notas para un «Índice» de escriturarios portugueses*. — Ferrand d'Almeida, *O orfismo de J. J. Rousseau* (en col do sentimento da natureza e o gusto pol-as montañas no século XVIII). — Doctor Francisco Morais, *Da miniatura medieval e a súa relación com os códices miniaturados da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. — Guido Battelli, *Il viaggio nuziale dell'Infanta Donna Eleonora di Portogallo*. — Ernesto Donato, *Os reservados da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. — *Revista de revistas*. — Separata: P. José dos Santos Mota, *Métrica de Camões*.

O INSTITUTO, Coimbra, 4.ª Serie, volume 5.º, número 4.

SUMARIO: *O ensino da morfologia humana*, por Geraldino Brites. — *Les Français en Portugal* (en col de relacións literarias e d'estudos) por G. Le Gentil. — *Algumas observações acerca da influência do inglês no Português e do maior veículo dela—o francês*, por João da Silva Correia. — *Na agonia dum regimem—os últimos anos da vigência do foral do Porto*, por Artur de Magalhães Basto. — *Uma carta de Monaci sobre o «Cancioneiro da Vaticana»* (na que defende a edición de Teófilo Braga), por Vitorino Nemésio. — *Raízes da alma latina* (trabalho curioso de literatura comparada), por Estanco Louro. — *Do teatro na literatura indo-árabe*, por Bernardino Garcías. — *Livros recebidos*.

A NOSA TERRA, 1.º Xaneiro 1929.

SUMARIO: *Ao decorrer dos dias*. — *Esquemas e lembranças*, por R. Otero Pedrayo. — *A Academia Gallega*. — *Lerías*, por Ben-Cho-Shey. — *Con ferreñas e pandeiro*, por Damil. — *Da Galiza renascente*, por Vicente Risco. — *Consas*, por Víctor Casas. — *Saudade*, por Seixo Rei. — *O tio Manoel da Campá*, por Antón Goy Díaz. — *Follas novas*.

1.º Febreiro, 1929.

SUMARIO: *Ao decorrer dos dias*. — *Esquemas e lembranças*, por R. Otero Pedrayo. — *A Academia Gallega*. — *No cerne dos Pirineos, I Encol do Renascimento das literaturas rexionais no Midi francés*, por Abel Demo. — *Con ferreñas e pandeiro*, por Damil. — *Peneirando*. — *A tristeza de Deus*, por F. — *Consas*, por Víctor Casas. — *Dóas*, por Antón Goy Díaz. — *Centros Galegos*. — *Follas novas*. — *Viva o Celta!* por Ben-Cho-Shey. — *Castelao volta ó traballo*. — *Moimento a Rosalia*. — *O P. Celestino G. Romero*. — *O sentimento nacionalista e o Internacionalismo*, por Ramón Villar Ponte.

CÉLTICA, Bós Aires, 25 Dbro. 1928.

ANTRE outros artigos, un en col do viaxe de Blanco Amor, por Xulio Sigüenza, *A futura conferencia ibérica*, por Amaro de Vilamelle, *Do vivir cotidián*, por Xandomar, versos de Ramón Fernández Mato e reseña do mitín comemorativo de Pardo de Cela.

Imprenta NÓS, Real 36-1.º, A CRUÑA

P A R D O

ÓPTICO CENTÍFICO

Preguntoiro, 32
SANTIAGO

San Andrés, 50
A CRUÑA

CASA EISCRUSIVAMENTE ADICADA A ÓPTICA CENTÍFICA

FOTOGRAFADO

Si quer qu-os seus fotografados sexan o mais perfecto posibles, convenlle envialos aos

Talleres de fotografado ESPASA-CALPE S. A.

Ríos Rosas, 24-Apartado, 547 MADRID

Axiña aparecerá

o segundo libro de

C O U S A S

por CASTELA0.

F. ROMAN E SACO

DROGUERIA

e FARMACIA

Pereira, 19

Teléfono 28

OURENSE

Use o novo cristal PUNTAL, fabricación de Zeis,
e escuriva da

CASA DE LOS LENTES

Plaza Mayor, 18.

OURENSE.

Drogueria e Farmacia

LUIS FÁBREGA

Progreso, esquina a Luís Espada

OURENSE

MERQUE VOSTEDE
Plumeiros **RAFIUM**

De mais dura qu'os de pruma e limpan
millor. Véndese en todol-os estableci-
mentos do ramo

Andrés Perille - OURENSE

Lea vostede

Os Camiños da Vida

por R. Otero Pedrayo.

BODEGAS GALLEGAS, PEARES E OURENSE

Viños finos de mesa: Tinto TRES RIOS. Blanco BRILLANTE

LOS GALLEGOS blanco e tinto

Macía e Valeiras, Apartado 18 - Ourense

SANATORIO QUIRURGICO DE SAN LORENZO

SANTIAGO DE GALICIA

DE LOS PROFESORES

D. Fernando Alsina

CIRUJANO

y

D. Antonio M. de la Riva

GINECÓLOGO

Establecemento dotado de todol-os elementos que exixen
a terapéutica e a hixiene modernas, situado nas aforas
da poboazón, moi cerca do paseo da Ferradura

Teléfono número 195

Pra detalles, calquera dos Directores ou o Médico interno



A hixiende nos nenos

é a garantía da sua saúde física e moral o día de mañá.

No diario aseo dos nenos emplee o **"Jabón Sales de la Toja"**, único que ás suas altas calidades meiciñás xunta toda a finura e perfume d'un xabón de tocador.

Contribúe ó perfecto desenvolvemento das criaturas e evita o perigo da escrófula e o raquitismo.



**JABÓN
LA TOJA**
ÚNICO EN EL MUNDO



O Xabrón da Toxa
é o mellor.
Honra á Galicia no
mundo enteiro



AGUAS DE
MONDARIZ
 FUENTES DE GÁNDARAY TRONCOSO
 Propiedad de los Sres. Hijos de Peinador

Véndese en total-as
 Boticas, Droguerías
 Hotels,
 Depósitos d'augas
 minerás,
 Restaurants e
 vagós-camas de
 todol-os três

As mais indicadas en casos
 de artitrismo, desnutrizón, diabetes,
 obesidades diversas, doenzas do
 aparello dixestivo, anemia
 e neurastenia

Riquisma auga de mesa
 gaseada naturalmente.

MONDARIZ - BALNEARIO
 a 35 kilómetros de Vigo